



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento - PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

TURMA X

2012/2013

Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

**Expectativas maternas e alfabetização: confluências e
divergências**

Apresentado por: Elisângela Batista de Sousa

Orientado por: Elizabeth Queiroz

BRASÍLIA, 2013

Apresentado por: Elisângela Batista de Sousa

Orientado por: Elizabeth Queiroz

“Crianças são como borboletas ao vento.
Algumas voam rápido... algumas voam
pausadamente... mas todas voam do
seu melhor jeito.
Cada uma é diferente, cada uma é linda e ca-
da uma é especial”.

Alexandre Lemos (APAE)

RESUMO

A alfabetização é uma importante etapa na vida do indivíduo, por representar a formalização de uma série de aprendizagens e acúmulo de conhecimentos. No sentido mais amplo quer dizer: saber ler e escrever e buscar ser letrada, que é saber interpretar, decodificar o que lhe é apresentado em sua cultura. Para os pais, particularmente as mães, é um momento do desenvolvimento infantil caracterizado por muitas expectativas relacionadas a desempenho. O presente trabalho foi realizado com uma criança de cinco anos de idade, estudante do Jardim II, matriculada em uma escola particular do Distrito Federal identificada pela mãe como atrasada em seu desenvolvimento escolar por ainda não “saber o alfabeto”. Foram realizadas cinco sessões de avaliação e seis intervenções, além de entrevistas com a mãe e professora, com o objetivo de identificar se tal queixa correspondia a alguma dificuldade real ou apenas expectativa da mãe. O acompanhamento realizado evidenciou a dificuldade da mãe ao adotar a filha mais velha como referência para o desenvolvimento do filho e a necessidade de orientações sobre o processo de alfabetização e letramento. Tal abordagem representa uma contribuição relevante para o desenvolvimento afetivo e emocional da criança face à importância da família como contexto favorável de tal aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: alfabetização, letramento, família, método fônico, leitura.

INDICE

I/ Colocação do Problema	p. 01
II/ Fundamentação Teórica	p. 03
III/ Método de Intervenção.....	p. 10
3.1/ Sujeito.....	p.10
3.2/ Procedimento(s) Adotado(s).....	p. 10
IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção.....	p. 11
4.1/ Avaliação Psicopedagógica	
- <u>Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (16/032013)</u>	p. 11
- <u>Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (23/032013)</u>	p. 12
- <u>Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (03/04/2013)</u>	p. 14
- <u>Sessão de entrevista com a professora (17/04/2013)</u>	p. 15
- <u>Sessão de avaliação psicopedagógica 4 (20/04/2013)</u>	p. 15
- <u>Sessão de avaliação psicopedagógica 5 (28/04/2013)</u>	p. 16
4.2/ As Sessões de Intervenção.	p. 17
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 1 (11/05/2013)</u>	p. 17
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 2 (18/05/2013)</u>	p. 17
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 3 (25/05/2013)</u>	p. 19
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 4 (26/05/2013)</u>	p. 20
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 5 (01/06/2013)</u>	p. 20
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 6 (08/05/2013)</u>	p. 21
V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica.....	p. 23
VI/ Considerações finais.....	p. 25
VII/ Referências Bibliográficas.	p. 26

I/ Colocação do Problema

A expectativa da família em relação à alfabetização do filho é um processo vivido e partilhado nos diferentes contextos de vida da criança. Por seu valor social, a escolarização representa para os pais o início de um futuro promissor para o filho e traz para a criança a possibilidade de participação do mundo adulto. Contudo, a criança tem muitas vezes que lidar com expectativas que não são suas e ao mesmo tempo com o compromisso de corresponder aos desejos dos pais e à própria vontade de aprender. A escola aparece como cenário para resolução desse conflito.

Tradicionalmente o processo de leitura e escrita é associado à entrada da criança na escola, mas na prática sabe-se que desde o nascimento o indivíduo está exposto a estímulos que favorecem sua alfabetização e essa competência precisa ser incorporada a uma compreensão do seu uso. Estudos mostram que a estimulação tem sido associada a uma aprendizagem precoce, favorecendo a ideia de um desempenho superior. Contudo, pouca informação é repassada aos pais sobre os prejuízos de uma cobrança antecipada.

A escola representa a formalização da sequência de conhecimentos reconhecidos como integrantes de uma formação voltada para a excelência. Cabe à escola o repasse do embasamento científico e a responsabilidade pelo desenvolvimento acadêmico normatizado do estudante.

A integração família-escola tem sido apontada como importante fator para facilitação da aprendizagem ainda que essa seja uma relação complexa. Algumas vezes a família questiona o ritmo de aprendizagem imposto a um de seus membros. Por outro lado, a escola identifica fatores que podem estar interferindo nesse processo. A dificuldade em compartilhar tarefas contribui para que dificuldades sejam instaladas, com repercussão para o estudante.

Ao escolher uma escola, a família opta por um pacote nem sempre explícito. Isso inclui um método de alfabetização, corpo docente, normas de convivência, grupo social, regras para lidar com sucesso e fracasso, além do espaço físico e atividades extracurriculares. O objetivo pelo qual a escola foi definida pode resultar em uma convivência mais ou menos participativa.

Na ausência de um referencial específico, os pais podem fazer uso de suas próprias experiências de escolarização como parâmetro para os filhos. Outra possibilidade, também com repercussões afetivas, é a comparação entre irmãos. Nessa condição há uma valorização maior do resultado, do que da etapa de desenvolvimento da criança.

O presente trabalho apresenta o estudo de caso de uma criança de cinco anos de idade, estudante do Jardim II, matriculada em uma escola particular do Distrito Federal identificada pela mãe como atrasada em seu desenvolvimento escolar por ainda não “saber o alfabeto”.

II/ Fundamentação Teórica

Alfabetização é o sentido de saber ler e escrever. Maimoni e Ribeiro (2006) conforme citado por Lima (2011, p. 29) fazem uma relação interessante entre alfabetização e letramento para as práticas sociais:

Assim, alfabetizados são aqueles que decodificam o sinal gráfico, que reconhecem as letras, as copiam de forma legível, pronunciam o sons que elas representam, mas não saem desse nível de compreensão – não são capazes de “traduzir” em outras palavras aquilo que “leram” ou “escreveram”. Letrada é aquela pessoa que se envolve nas práticas sócias de leitura e escrita, alterando seu estado ou condição do seu ponto de vista social, cultural, político, cognitivo, linguístico e até econômico. O letrado não somente decodifica os sinais, mas é capaz de associar a eles situações específicas de um determinado grupo social nos momentos distintos de sua história, em dada situação de interação verbal.

Muitas pessoas podem até conseguir ler e escrever, mas ao tentarem interpretar o que estão lendo não o fazem, portanto, são alfabetizadas, mas não letradas. Um processo não necessariamente começa antes do outro, um depende do outro, devem ser integrados, sem perder a especificidade de cada um. Porém, em um recente artigo Lima (2011) relata que o letramento acontece antes da alfabetização, sem sistematização, na convivência com os vizinhos, participação em igreja, teatro, cinemas e outras vivências. Para a autora, alfabetização é o que o aluno é capaz de fazer no mundo das letras, identificar os grafemas e fonemas, a consciência fonológica dos mesmos, codificar e decodificar os signos de um texto. O letramento é a imersão na cultura, é propor que as crianças tenham diferentes experiências textuais, de gêneros, até mesmo diferentes tipos de material impresso.

Soares (2004) nos diz que alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, a partir de atividades de letramento, e a alfabetização, só é desenvolvida no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema grafema.

Cagliari (2003) nos dá um exemplo ao falar sobre letramento, quando afirma que uma criança do nordeste, aos sete anos, pode mostrar toda a sua capacidade intelectual, ao aprender a fazer rendas, seguindo padrões complicados, contando os pontos, numa

clara prova de habilidade manual, memória e capacidade de aprender e executar tarefas dessa natureza. É uma criança letrada em seu mundo, com sua cultura.

Classicamente na concepção pedagógica, a aprendizagem da leitura e da escrita baseia-se em métodos. Tempos atrás os professores se preocupavam em encontrar o melhor método, criando assim um relevante debate acerca de dois tipos: os sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra e os analíticos, que partem da palavra para as partes maiores.

O método sintético diz respeito à correspondência entre o oral e o escrito, estabelece elementos mínimos em um processo que vai das partes, ao todo. Esses elementos mínimos são as letras, ensina-se a pronunciá-las determinando as regras de sonorização da escrita. Os métodos alfabéticos partilham e apoiam essa teoria (Ferreiro, & Teberosky, 1999).

Um pouco à frente o método fônico foi desenvolvido, e seu objetivo era partir do oral, colocando assim, a parte mínima de som no fonema. O procedimento baseia-se em iniciar pelo fonema, associando-o à sua representação gráfica. O indivíduo necessita ser capaz de isolar e reconhecer os diversos fonemas para conseguir relacioná-los aos sinais gráficos.

De acordo com o modelo de desenvolvimento de leitura de Fritch sistematicamente explicado e expandido por Capovilla e Capovilla (A. Capovilla, & F. Capovilla, 2000), a criança passa por três estágios na aquisição de leitura e escrita: 1) o logográfico, em que ela trata a palavra escrita como se fosse uma representação pictoideográfica e visual do referente; 2) o alfabético em que, com o desenvolvimento da rota fonológica, a criança aprende a fazer decodificação grafofonêmica; e 3) o ortográfico em que, com o desenvolvimento da rota lexical, a criança aprende a fazer leitura visual direta de palavras de alta frequência.

No estágio logográfico a criança trata o texto mais ou menos como se fosse um desenho e não uma escrita alfabética. A leitura consiste no reconhecimento visual global de uma série de palavras comuns que a criança vê a todo momento, por exemplo, *Mc Donald's* ou Coca-Cola. A criança entende a coloração, o formato geral da palavra, mas não a decodifica, segmentando-a nas letras que a compõem e convertendo-as em som, exceto

usualmente, a primeira, se forem trocadas as letras seguintes, desde que o formato permanece inalterado, ela continua a reconhecer tal palavra.

No estágio alfabético, as relações entre o texto e a fala se fortalecem, primeiro em relação à escrita e depois em relação à leitura. Durante a escrita o sequenciamento das letras passam a ficar sob o controle dos sons da fala, do mesmo modo, na leitura, a seleção e o sequenciamento das sílabas e fonemas durante a pronúncia passam a ficar sob controle das sílabas e grafemas do texto. Com isso a criança aprende que a escrita alfabética representa os sons das palavras, os que ela usa para pensar e falar. Aprendendo as relações entre as letras e os sons, a criança começa a fazer a escrita por codificação fonográfica, ou seja, falando consigo mesma e convertendo os sons da fala nas suas letras correspondentes. Pelo mesmo princípio, mas no sentido inverso, a criança começa a ser capaz de fazer leitura por decodificação grafofonêmica, convertendo as letras em seus respectivos sons, e então, repetindo mais rapidamente a sequência toda e sons para si mesma, para que consiga entender o que está lendo, como se estivesse ouvindo uma outra pessoa falando.

No estágio ortográfico, a criança aprende que há irregularidades nos grafemas e fonemas, e com isso ela memoriza essas palavras. É o momento onde ela memoriza todas as exceções às regras, é o momento de aprender a morfologia das palavras e no processamento cada vez mais avançado da sintaxe do texto. Neste estágio seu sistema de leitura pode ser considerado completo e maduro. Os mesmos três estágios ficam disponíveis para a criança a todo instante, com a diferença que ela escolhe qual o melhor a usar quando necessário.

Em relação à língua escrita, na literatura encontramos essencialmente dois tipos de trabalhos que explicam como se dá essa aprendizagem: há os que procuram discutir qual a melhor metodologia para a questão e os que se dedicam a listar quais as condições e capacidades necessárias para iniciar a aprendizagem da língua escrita. O trabalho defendido por Ferreiro e Teberosky (1999) se distancia desses trabalhos, ao defender que muitas teorias fazem basicamente a mesma relação, se a criança está bem lateralizada, emocionalmente equilibrada, com boa distinção visual e auditiva, quociente intelectual mediano, dicção adequada, provavelmente, ela não terá qualquer impedimento para ler e escrever. Porém, estatisticamente falando, não há interdependência entre uma relação

positiva e uma causal, não é a correspondência positiva dos fatores que resultará em uma criança com rendimento escolar satisfatório. Para as autoras, independentemente das divergências de métodos, primeiramente o aprendizado da leitura e escrita é um processo mecânico, adquire-se a técnica para depois decifrar o texto. Assim, enfatizam que o método mais eficaz é aquele que tenha a correspondência mais perfeita do som à escrita. Por isso, é muito importante iniciar pelos casos de ortografia regular, ou seja, palavras em que a grafia coincida com a auditiva, para a criança é um caminho inicial a seguir para o aprendizado.

Para Cagliari (2003) o aluno erra na forma ortográfica porque se baseia na forma fonética, os erros que comete revelam claramente os contextos possíveis. Por exemplo, um aluno pode escrever /talveis/, por estar atento à sonoridade da palavra. Ao observar os erros dos alunos pode-se fazer uma reflexão sobre o uso linguístico da escrita e da fala, mas a escola não reconhece isso, e julga que o aluno é distraído, incapaz de discriminar, aprender, memorizar, se concentrar no que faz. Mas na verdade, ele se concentra e reflete mais do que se possa pensar.

Cagliari (2003) destaca que algumas crianças não ~~o~~ distingue os sons surdos e sonoros, por exemplo, (p e b) (f e v). Na maioria das vezes as crianças tendem a adotar mais os sons surdos, ou aquilo que a criança categoriza como surdo, do que os sonoros, porque ela não tem o reconhecimento prévio da escrita da palavra; então a fórmula que encontra para resolver sua dúvida é pronunciando-a, porém, muitas vezes as crianças se confundem com essas letras porque elas tentam sussurrar a palavra, e o som sussurrado é semelhante a um som surdo. A criança que ainda não conhece a ortografia e sussurra, terá dificuldade, elas erram a forma ortográfica não só por tentar discriminar o som, mas no início da alfabetização esse fator é decisivo e pode gerar confusão por muito tempo. “As crianças precisam de tempo para decifrar a escrita. Cada criança tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado (p. 159)”.

Ferreiro e Teberosky (1999) concordam que aprender a ler e escrever seja complexo porque as teorias se esquecem de falar no sujeito cognoscente, que é aquele que busca aprender por si só, sem esperar pacientemente que alguém que tenha o conhecimento lhe ensine. São suas ações no mundo que lhe farão sentido. O sujeito vive em um mundo rodeado de textos escritos em seus brinquedos, nos cartazes, placas, na televisão,

em suas roupas, a todo instante ele está em contato com estímulos, e a constante interpretação desses estímulos torna o sujeito passível de compreender o que está vendo.

Assim, a importância da família no processo de alfabetização da criança é indiscutível, tanto no desenvolvimento afetivo e emocional quanto no ambiente proporcionador de tal aprendizagem. A aprendizagem e o desenvolvimento humano se dão em um contexto histórico, social e cultural.

Simionato e Oliveira (2003) ressaltam que a família sofre fortes influências, sociais, culturais, econômicas, políticas, e isso faz com que tenham que passar por diversas mudanças em seus papéis e relações. Dessa forma, elas se moldam nos papéis ou até mesmo em nível de estrutura familiar. A família é um sistema inserido em contextos sociais diferentes, em que as pessoas compartilham sentimentos e valores formando laços de interesse, solidariedade, reciprocidade, mas com especificidade e funcionamento próprios. Configurando-se como uma instituição social que participa do processo de aprendizagem dos indivíduos nela inseridos.

Para Szymanski (2001), ao nascer a criança já entra em contato com um mundo organizado segundo os parâmetros da família, onde já foram construídos crenças e valores pelos seus membros e pela sociedade. Assim, a família já está carregada de valores, hábitos e costumes próprios e a criança ao entrar em contato com essa cultura familiar já absorve parte desses aprendizados. De acordo com Chraim conforme citado por Lima (2011), essas trocas familiares já servirão de base para a construção de sua identidade. Essa construção é em geral carregada de medos, angústias e dúvidas e a família desempenha um papel fundamental, transmitindo confiança e amor.

Os papéis da escola e família são distintos, mas possuem o mesmo objetivo, educar as crianças repassando conhecimento e valores morais. A escola é a instituição que tem como função a socialização do saber sistematizado, ou seja, do conhecimento elaborado e da cultura. De acordo com Saviani (2005), a escola se relaciona com a ciência e não com o senso comum, e existe para proporcionar a aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado e às bases desse saber. A contribuição da escola para o desenvolvimento do sujeito é específica à aquisição do saber culturalmente organizado e às áreas distintas de conhecimento.

Bock, Furtado e Teixeira (1999) ressaltam que “o grupo familiar tem uma função social determinada a partir das necessidades sociais, sendo que entre suas funções está, principalmente, o dever de garantir o provimento das crianças para que possam exercer futuramente atividades produtivas, bem como o dever de educá-las para que tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem” (p.238).

Nesse mesmo sentido, Oliveira (2002) resume a função da família dizendo que “a educação moral, ou seja, a transmissão de costumes e valores de determinada época torna-se, nesta perspectiva, seu principal objetivo” (p.16). Embora esses dois modelos possuam objetivos distintos, eles se complementam, compartilhando a tarefa de preparar as crianças para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade (Reali & Tancredi, 2005).

Araújo e Oliveira (2010) apontam que a discordância entre escola e família situa-se na tarefa de ensinar, a escola se apresenta, por exemplo com a finalidade de favorecer a aprendizagem, aprimorar as possibilidades de convivência social, enquanto a família tem a tarefa de promover a socialização das crianças, o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade.

Os pais se preocupam com a construção da identidade do filho, e para suprir as necessidades da própria criança e da sociedade, muitas famílias começam a oportunizar situações de aprendizagem, seja indo ao cinema, teatro, museus, vendo revistas, desenhando ou pintando. Tudo isso representa formas de aprendizagem inicial da criança, em casa ela já pode ter noção de seu corpo, seus movimentos, sua força. São formas de desenvolver a atenção, a curiosidade que serão importantes na escola, no momento de aprender a ler e escrever.

Atrelado ao desejo que os pais possuem para que seus filhos adquiram conhecimento, está a expectativa, que pode se converter em cobranças exageradas com relação ao desempenho ou preocupação com respeito ao ritmo de aprendizagem da criança.

Em seu artigo, Serra e Correa (2005) evidencia que os pais possuem convicções divergentes sobre alguns aspectos do desenvolvimento infantil, como por exemplo, a idade padrão para o desempenho de certas atividades, como é possível melhorar o desempenho, e suas expectativas em relação ao aprendizado escolar do filho. Entretanto os estudos ainda são pequenos para concluir se o comportamento dos pais influencia na educa-

ção escolar. Para Miller, conforme citado por Serra e Correa (2005) as convicções dos pais sobre os processos de desenvolvimento estão relacionadas, embora não de forma decisiva, à qualidade do funcionamento intelectual das crianças. Os pais tendem a superestimar a capacidade do filho, acreditando que seu desempenho seja muito maior, e nem sempre é o que acontece.

O que podemos dizer é que o exagero nunca faz bem. Expectativas altas podem gerar decepções com reflexos no desenvolvimento da autoestima e quando não há expectativas, a criança pode confundir-se e sofrer com a indiferença criando um sentimento de desvalorização.

“A escola contribui para socialização crescente da criança, porém, é na família que ela encontra todos os insumos necessários (autoestima, afetividade, confiança, motivações intrínsecas, quadro de emoções saudáveis, aceitação, autonomia, intencionalidade, decisão, maturidade, respeito, elementos de reciprocidade etc.) para irrigar este processo de socialização e de sócio afetividade, chão e base de sustentação para o desenvolvimento da aprendizagem” (Carneiro, 2010, p.43).

III/ Método de Intervenção

3.1/ Sujeito

Criança do sexo masculino, com cinco anos e quatro meses, nascida em Brasília. Mora no Lago Sul, com os pais e uma irmã de sete anos. Estuda no Nível III do Jardim II, em uma escola particular de Brasília. Frequenta período integral três vezes na semana, com realização dos deveres do dia e atividades extras: judô, ginástica olímpica e futsal. O pai é graduado em ciências da computação com MBA na área, trabalha como consultor em uma empresa privada. A mãe tem graduação em pedagogia e trabalha como professora em uma escola de educação infantil. A mãe acha que ele tem alguma dificuldade de aprendizagem, pois a irmã já conhecia todas as letras do alfabeto e sabia escrever seu nome antes mesmo de completar cinco anos. Quando a mãe vai estudar com ele, ela repassa, ensina todo o alfabeto, e após alguns minutos pergunta a ele qual é determinada letra, ele diz que não sabe, que esqueceu.

3.2/ Procedimentos adotados

Foram realizadas cinco sessões de avaliação e seis sessões de intervenção. O trabalho foi desenvolvido na própria casa da criança, em seu quarto, em sua mesa de estudos. Cada sessão teve uma duração média de 30 minutos. Além disso, houve entrevista com a mãe e com a professora e análise do material escolar. Orientações foram repassadas à mãe sobre o desenvolvimento da leitura e escrita e desempenho da criança.

IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção.

4.1/ Avaliação Psicopedagógica

- Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (16/03/2013)

- Objetivo: buscar informações relevantes sobre a criança e conhecer um pouco da dinâmica familiar.

- Procedimento e material utilizado: realizada entrevista com a mãe, a partir de roteiro estruturado. Utilizados caneta e papel para registro das informações.

- Resultados obtidos e discussão:

Mãe relata que a relação familiar é harmoniosa, sempre baseada no diálogo para resolução dos conflitos, com punição de retirar algo que gostem quando passam dos limites e quando há alguma briga entre os irmãos. Os pais procuram tentar entrar em um acordo para a educação dos filhos, a mãe percebe-se um pouco autoritária, “não passa a mão na cabeça a toa”. Procurou sempre estimular a independência dos filhos, passando segurança. Acredita que filhos precisam de limites e que “o pai cede mais”. Mãe ainda relata que a alimentação é variada, sempre ofereceu legumes, verduras, eles consomem muitas frutas. Dormem cerca de 11 horas por noite. Realizam atividades físicas desde os seis meses de idade. Os irmãos brincam e discutem muito, mas sentem-se sozinhos quando um dorme fora. É saudável, seu pediatra é homeopata, faz consultas apenas quando há necessidade.

O sujeito estudado possui muitos medos, ao dormir sempre acha que alguém irá entrar em casa, e algumas vezes vai para a cama dos pais na madrugada, e na maioria das vezes amanhece por lá. Possui uma saúde relativamente boa, apenas pequenos resfriados ao longo do ano dependendo da estação.

O filho parece inseguro, sempre sente medo à situações novas, ano passado chorava muito ao chegar à escola, um dia disse não queria ficar na escola e disse que iria

fugir, mãe ficou muito preocupada, mas a professora conseguiu acalmá-lo. Ele diz ter poucos amigos, mas diz gostar mais da professora deste ano, ele relata que a professora do ano passado era muito brava.

Durante a aula, é participativo, está na série correta, não é de faltar. Os sempre participam das reuniões de escola, demonstram preocupados com o desenvolvimento escolar. Mãe relata que a criança é responsável, é esforçado quando foi aprender a andar de bicicleta ele não queria parar até aprender, aprendeu a andar com 4 anos sem rodinha, ele ficou muito contente, demonstra ser uma criança brava, e quando bebê não era assim, era muito sorridente.

IMPRESSÃO/CONDUTA: A mãe parece ansiosa em relação ao desempenho do filho, faz muita comparação com a irmã do que por argumentos fundamentados. Quer que o filho já saiba o alfabeto para lhe ensinar a ler. Há necessidade de obtenção de mais informações sobre o desenvolvimento psicomotor. A próxima sessão deverá ser realizada com a criança com o objetivo de convite e apresentação da proposta, estabelecer vínculo e definir etapas da intervenção.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (23/03/2013).

- Objetivo: obtenção de dados sobre o desenvolvimento psicomotor, emocional e o que a mãe achar importante relatar. Contato com a criança a fim de apresentar a proposta de trabalho e estabelecer vínculo, percebendo se há boa discriminação visual e auditiva, se há o conhecimento de classificar cores, objetos, formas geométricas, diferenças entre posicionamento de objetos.

- Procedimento e material utilizado: entrevista com a mãe com registro utilizando-se de papel e caneta, tecidos coloridos, desenhos, lápis de cor, figuras geométricas, livro.

- Resultados obtidos e discussão:

Mãe diz que a criança se desenvolveu no tempo certo, engatinhou mais ou menos com oito meses, era muito carismático e sorridente, muito tranquilo e calmo. A fala também ocorreu mais ou menos no padrão, o diferente é que ele não pronunciava o “r”, até bem pouco tempo atrás. Os dentes começaram a nascer por volta dos nove meses, por volta dos dez meses já ficava em pé segurando em algum móvel, quando tinha um ano e dois meses deu os primeiros passinhos, e depois passou a andar sem apoio. Nessa mesma época, foi para a escola. Demorou um pouco para se acostumar, passado a fase de adaptação ficou bem. Relata que olhando todo seu histórico escolar, ele já demonstrava insegurança, pois muitas vezes chegava à escola chorando, não o achava muito feliz na escola. Era sorridente quando bebê, quando um pouco maior, parecia sempre desconfiado de todos, estranhava um pouco as pessoas, sentia muita segurança se a irmã estivesse perto, tanto que na escola, quando ele chorava muito a professora o levava para vê-la. Gosta de desenhar: seus desenhos são bonitos, criativos, sempre muito coloridos, gosta muito de aviões, ninja, homem aranha, foguetes, judô.

No contato com a criança, me apresentei, disse que iria fazer um trabalho para a minha faculdade sobre como ele era, do que ele gostava de fazer, comer, e lhe ensinar o alfabeto, tudo isso com algumas brincadeiras, jogos e desenhos. Levei alguns pedaços de tecido coloridos, para que ele pudesse dizer as cores, alguns animais para reconhecimento, formas geométricas, um livro das diferenças (dentro, fora, grande, frio, muito). Não teve dificuldades ou dúvidas em nenhuma das atividades, respondeu a tudo com muita confiança, demonstrando segurança.

IMPRESSÃO/CONDUTA: Mãe mantém-se ansiosa. Fala de forma elogiosa dos desenhos feitos pelo filho, mas ressentida por ele não saber o alfabeto. A criança parece um pouco tímida, mas foi receptiva à proposta e concordou em fazer as sessões como uma brincadeira. Na próxima sessão, será explorado o material escolar, rotina da escola com ênfase na expressão verbal. Identificar como utiliza lápis e papel.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (06/04/2013)

- Objetivo: Conhecer sobre a rotina escolar dando ênfase na expressão verbal, explorar o material escolar, e a maneira como utiliza lápis e papel.

- Procedimento e material utilizado: Papel e lápis para registro das respostas, folha A4, lápis de cor.

- Resultados obtidos e discussão:

Sessão iniciada pedindo que a criança relatasse como era a sua rotina assim que chegava na escola, após isso escolheria algo para desenhar e pintar em uma folha. De acordo com a criança: chega na sala, retira a agenda e coloca na mesa da professora, faz o calendário do dia, em seguida uma atividade que a professora determina, as vezes duas atividades, no dia do brinquedo, que é sexta-feira, pode-se escolher o lugar que quiser para se sentar na sala de aula, fora esse dia a professora escolhe; depois lanche,quinho, outra atividade, e acaba o dia. Enquanto espera o pai chegar ou a hora de ir para o refeitório almoçar, ou assiste um filme, brinca com massinhas ou com os colegas. Nos trabalhos escolares: há muito o uso de procurar e colorir determinadas vogais em algum texto, juntar sílabas, ver o desenho e completar com a vogal que estiver faltando, sempre há alguma figura para colorir, e está sempre muito colorida, com uso de várias cores.

Pedi que fizesse o desenho que quisesse para mim. Ele utilizou um lápis grafite para desenhar, avisou assim havia terminado, perguntei se queria colorir, ele disse sim e o fez. Quando terminou disse: “ah o nome”, virou a folha e escreveu seu nome.

IMPRESSÃO/CONDUTA: Criança articula bem as palavras, quase nenhum erro ao pronunciá-las, apenas ao falar quando ele diz “qando”. Descreveu sua rotina com muita clareza e domínio das lembranças. Eu coloquei a folha a sua frente, ele não a mudou de direção, e começou a desenhar. Achei interessante ele não fala professora, sempre fala o nome dela. O Indaguei sobre as várias divisões dos membros do boneco que ele havia desenhado, e ele disse que era: o ombro, camisa, pele e mãos.

Entrevista com a professora (17/04/2013)

Relato da professora: diz que o aluno é muito receptivo ao que está aprendendo, sempre tenta fazer o que é proposto, em algumas situações de dúvida ele recorre à professora questionando a resposta certa, ela diz para ele prestar atenção ao som da palavra, e faz com ele, e ele entende. Ela diz que ele se sente muito seguro quando ela diz para ele escrever a palavra do jeito dele. Não observa diferença em seu desempenho, quando comparado com os colegas, está no nível de desenvolvimento esperado para a turma.

A proposta pedagógica é feita com a sonorização das palavras, ela apresenta uma letra, que pode estar dentro de uma caixa surpresa, ou em forma de um desenho. Eles veem várias palavras com determinada letra. No dia seguinte revisam todas as letras já estudadas. E ela sempre enfatiza que é para eles escreverem do jeito deles. O objetivo da série é o contato com o alfabeto, iniciar a escrita, entender o som das palavras. Não é preciso passar para o ano seguinte sabendo ler.

Sessão de avaliação psicopedagógica 4 (20/04/2013)

- Objetivo: mostrar à criança o alfabeto, e identificar o que a criança já conhece dele.

- Procedimento e material utilizado: letras de madeira em formato de um quebra cabeça, que se encaixam, lápis e papel para registro.

- Resultados obtidos: foi espalhei todas as letras na mesa e pedi que separasse as vogais de um lado. Em seguida pedi que ele separasse as letras que ele já conhecia do outro lado. Ele separou as letras: B, C, D, F, G, H, J, M, N, S, T, V, X, Z. Depois pedi que ele formasse alguma palavra que começasse com as vogais. Ele foi montando: avião, elefante, igreja, óculos, uva. Depois peguei uma das letras que ele disse que já conhecia, M, e pedi que ele fizesse um desenho de algo que começasse com essa letra. Ele prontamente pegou o papel e desenhou uma melancia, perguntei se ele sabia escrever a palavra e ele começou a fazer o som das sílabas. Observei que ele conseguiu escrever o M, e ra-

pidamente passava para a segunda sílaba, sem escrever a vogal e, então, pedi que ele repetisse comigo cada som, e a cada som, ele tentava reconhecer a letra correspondente. Repetimos o mesmo exercício com a letra F, ele fez o desenho de uma faca e só escreveu a primeira sílaba (fa). No fim, perguntei se ele queria fazer um desenho ou queria que eu brincasse com ele, ele disse que queria batalhar de beyblade, e brincamos um pouco com esse brinquedo. Ao sair a mãe relatou que ele já havia aprendido as consoantes F, J e M. E ao saber as letras que ele acabara de indicar que conhecia, ela ficou surpresa, “não imaginava que eram tantas”.

Sessão de avaliação psicopedagógica 5 (28/04/2013)

- Objetivo: Perceber se a criança possui lateralização espacial, coordenação visomotora, boa articulação, discriminação auditiva.

- Procedimento e material utilizado: lápis, papel, desenhos, figuras.

- Resultados obtidos:

A criança executou todos os exercícios propostos com total segurança e sem dificuldade. Pedi a ele que pegasse alguns bonecos. Pedi que ele os colocasse em cima da mesa um ao lado do outro, em seguida que ele colocasse o braço direito dos bonecos para cima, depois abaixasse e colocasse o esquerdo para cima. Após isso, que colocasse os bonecos sentados de dois em dois um de frente para o outro. Finalizado isso fizemos uma brincadeira para nomear as partes do corpo: cabeça, ombro, joelho, pé, olhos, ouvidos, boca e nariz. Para identificar sua coordenação visomotora, lhe dei uma folha com alguns desenhos para ele os seguir com o lápis. Eram desenhos pontilhados de: caracóis, um caminho para levar o coelho até a cenoura. Mostrei algumas figuras de objetos, formas geométricas, animais, para que ele pudesse nomeá-las.

4.2/ As Sessões de Intervenção.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 1 (11/05/2013).

- Objetivo: iniciar o ensino das letras do alfabeto, de acordo com o método fônico.

- Procedimento e material utilizado: quadro branco, caneta colorida, folhas com objetos e animais começados com as letras F e J, papel e lápis.

Começo escrevendo no quadro a letra F, falando o nome da letra pausadamente para que a criança ouça a pronuncia e veja como é o movimento da boca. Peço que ele repita comigo o som. Em seguida escrevo no quadro o Fa, Fe, Fi, Fo, Fu e digo a ele como é o som do F com cada vogal. Após isso entrego uma folha onde há seis objetos e animais com diferentes letras, sendo três com a letra F, peço que ele circule as figuras que comecem com a letra F, ele inicia dizendo a figura e tentando identificar o som e circula, parece ficar um pouco na dúvida, pergunto se quer ajuda ele diz que sim, então falo pausadamente a palavra enfatizando o som do F, feito isso em todas as figuras ele circula o foguete, faca e fada. Faço o mesmo procedimento com a letra J, sendo as figuras circuladas: jacaré, jarra e janela.

- Resultados obtidos e discussão: a criança conseguiu identificar a relação do fonema com a letra. Depois de entendido o comando, não teve dificuldade para conclusão da tarefa.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 2 (18/05/2013).

- Objetivo: introduzir o ensino das letras do alfabeto, de acordo com o método fônico das letras: M, N, V, Z, L e S.

- Procedimento e material utilizado: lápis, papel, desenhos iniciados com as letras M, N, V, Z, L e S.

Sessão iniciada revendo as duas letras vistas na última sessão. Iniciava a sessão dizendo que iria apresentar a letra M, enfatizava seu som e a escrevia no papel em caixa alta, em seguida perguntava se ele sabia escreve-la, ele o fazia. Acrescentava dizendo qual era os sons quando a letra M se juntava com cada uma das vogais. Era mostrado alguns desenhos, era solicitado que ele dissesse o que começava com a letra M, a criança prosseguia com a seguinte fala de todos os desenhos, “ancora, não; pá; pipoca não, é com p de papai”. Com a letra N, foi realizado da mesma forma, ele apenas ficou na dúvida de como escrevê-la, então eu a escrevi novamente e ele escreveu também. Com a letra V, a criança até falou palavras que não havia no desenho, como o violino. Ele foi dizendo rapidamente: violão, violino, ventilador, vela, (peixe, p, falava mais baixo, como se estivesse falando só para si), lápis não; sapo não; pronto.

Com a Z, quando foi dito o som, ele começou a escrever no ar a letra e perguntou se estava certo. Feito toda a apresentação da letra e som ele iniciou a dizer todos os desenhos rapidamente: zebra, zíper, cavalo não, zoológico, zigão (eu o corrijo perguntado se seria o zangão) ele diz que sim e continua, pronto, pergunto se ele conhece outra palavra com a letra z, ele diz que zigão, eu novamente o corrijo, ele diz que não, zigão é um jogador de futebol e eu digo que não o conheço. Com a letra L, peço que ele a escreva no papel, ele fica na dúvida e se lembra e a escreve, e diz “assim é o L cursivo”, mas a escrita estava em caixa alta, e continua, leite; picolé p de papai; neném começa; sapato, não; lata começa; lanterna; livro; caneta não; “já falei todos”. Com a letra, S, sapato, casaco; pergunto se começa com S ele diz não; sapo, sol, faz o som e diz eu não começa, e eu digo que sim, então ele diz “eu quero que acabe logo”.

Então a sessão é encerrada em seguida.

- Resultados obtidos e discussão: a criança conseguiu identificar a relação do fonema com a letra. Depois de entendido o comando, iniciou com as resposta, em alguns momentos parecia um pouco na dúvida, questionando se estava certo.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 3 (25/05/2013).

- Objetivo: introduzir o ensino das letras: R, X, B, C e P, de acordo com o método fônico.

- Procedimento e material utilizado: lápis, papel, desenhos iniciados com as letras R, X, B, C e P.

Sessão iniciada revendo as letras vistas na última sessão. Como na última sessão ele pediu que terminasse logo, foi explicado que iríamos estudar cinco letras, para que ele ficasse mais tranquilo, e soubesse quando iria finalizar. E solicitei que ele dissesse apenas as palavras com a letra pedida.

Depois da revisão, disse que estudaríamos a letra R, fiz seu som, e pedi que ele a escrevesse no papel, ele pensou um pouco, disse que não sabia qual era, então a escrevi, ele rapidamente disse, “ah é essa”. Fizemos os sons dessa letra com todas as vogais, depois partimos para os desenhos, em que ele teria que dizer quais começavam com a letra R, a cada desenho ele dizia o nome e ficava repetindo a primeira sílaba, com isso ele conseguia identificar a letra, tínhamos as seguinte palavras: rato, retângulo, régua, raio, pipoca, lápis, coelho. Ele acertou apenas rato, as demais fomos fazendo juntos, frisando a primeira sílaba. Com a letra X, foi realizado o mesmo procedimento, ele soube escrevê-la e nos desenhos ele acertou, havia apenas dois, xícara e xadrez. Com a letra B ele também acertou a escrita e os desenhos boneca, botão, bicicleta e banana. Com a letra C ele escreveu, nos desenhos ele as vezes repetia mais de uma vez a sílaba para identificar os desenhos, casa, camelo, camisa e cachorro, ele diz algo que não está nos desenho “cacau, também é com “C”, eu digo parabéns é isso mesmo. Com a letra P, seguimos da mesma forma, ele diz “P é de papai, e a escreveu, os desenhos ele acertou todos: pato, papagaio, pé e patins.

- Resultados obtidos e discussão: com alguma ajuda ele conseguiu identificar os desenhos, entretanto, na maioria ele não demonstrou dificuldade.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 4 (26/05/2013).

- Objetivo: introduzir o ensino das letras D, T, G, Q, e H, de acordo com o método fônico.

- Procedimento e material utilizado: lápis, papel, desenhos iniciados com as letras D, T, G, Q, e H.

Depois da revisão das letras da sessão passada, iniciamos as novas letras. Começando com a letra D, ele diz não lembrar como a escreve, no momento que eu a escrevi, ele diz se lembrar. Feito os sons da letra com todas as vogais, partimos para a identificação dos desenhos. Falando pausadamente a primeira sílaba ele a repete várias vezes com o desenho do dado, dedo e dragão, e acerta todos. Com as letras T e g, seguimos os mesmos procedimentos e ele não teve dificuldade, mas com as letras Q e H, ele teve, não conseguiu escrever a letra Q, mas H sim. No momento de identificar os desenhos não acertou nenhum, então o ajudei nas pronúncias e indiquei cada um que começava com a letra solicitada, e ele diz “meu professor chama Hugo, com H”.

- Resultados obtidos e discussão: algumas letras ele não teve dificuldade, mas outras ele já não conseguia identificar os desenhos, talvez pela semelhança com outros sons de letras e o H por não ter som.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 5 (01/06/013).

- Objetivo: informar à mãe o desempenho de seu filho durante as intervenções psicopedagógicas realizadas, observar as produções escolares de F. e propor atividades tentando juntar os conhecimentos adquiridos até o momento.

- Procedimento e material utilizado: papel, caneta, atividades de completar a figura com vogais e consoantes.

Primeiramente foi repassado para a mãe como estava o desenvolvimento de seu filho durante as atividades. Foi dito que a criança, aparentemente, estava muito bem preparada para ser alfabetizada no ano seguinte, ele já conhecia a maioria das letras do alfabeto, apenas algumas letras ele ficava com dúvida na hora de escrever. A mãe me entregou as atividades da criança realizadas no primeiro trimestre na escola. Ela disse estar muito contente e surpresa, pois o filho realmente está muito bem, está melhor do que ela imaginava, e também disse se sentir culpada por estar tentando apressá-lo, e não dedicar a ele o mesmo tempo dispendido com a filha mais velha no processo de ensinar a ler e escrever. A mãe relata que ao conversar com a professora da escola ficou mais tranquila, pois só recebeu elogios de seu filho, que ele sempre é muito esforçado, criativo, tem vontade de aprender e a professora disse da importância de respeitar o tempo dele, que ele está indo super bem.

Analisando as atividades da escola percebe-se que a criança está bem em seu desenvolvimento alfabético, consegue identificar muitos sons e escrevê-los, seus desenhos são ricos em cores e detalhes.

Durante a sessão foi entregue à criança uma folha com desenhos, e embaixo de cada um ele deveria escrever a vogal que iniciava a palavra, avião, escada, igreja, óculos, uva. Na folha seguinte ele deveria completar sílabas nas palavras: faca, uva, mesa, macaco.

- Resultados obtidos: a criança conseguiu responder ao que foi proposto, apenas ficou na dúvida na hora de escrever mesa, se usaria s ou z.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 6 (08/06/013).

- Objetivo: finalizar as sessões e dar o feedback de todas as sessões da criança, seu desenvolvimento.

- Procedimento e material utilizado: os registros que a criança fez ao longo das sessões de intervenção.

Foi mostrado à mãe tudo que a criança realizou, como estava seu desenvolvimento, as dificuldades que ele tinha e quais eram as expectativas para o futuro.

- Resultados obtidos.

A mãe ficou muito satisfeita, relata que não imaginava como estava o desenvolvimento escolar de seu filho, teve a noção após a reunião na escola e as sessões de intervenção, o percebeu que estava sendo ansiosa, temerosa e comparando demais o desenvolvimento da filha mais velha com ele. Estava confiante e iria deixar de cobrar tanto dele, pois sabia que ele iria se sair bem, mas no tempo dele, sem pressa. Ela relata ainda que com o novo trabalho possui poucos momentos com o filho, e isso não lhe dá oportunidade de ver seu filho os resultados.

V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica.

Observando o procedimento de intervenção utilizado e os resultados, percebe-se que a criança, está entre os níveis alfabéticos e o logográfico, de acordo com o método fônico. O logográfico em que ela trata a palavra escrita como se fosse uma representação pictoideográfica e visual do referente e o alfabético em que, com o desenvolvimento da rota fonológica, a criança aprende a fazer decodificação grafofonêmica. Ele já possui a percepção auditiva que a palavra começa com determinada letra e ao fazer o som pausadamente, ele tem a sensação de qual letra a segue.

A dúvida entre fonema e letra experienciados pela criança pode ser justificada pela existência de sons do tipo surdo e sonoro (Cagliari, 2003). Algumas crianças não os distinguem, por exemplo, (f e v). A criança tende a adotar mais, o som surdo (ou aquilo que a criança categoriza como surdo) como ela ainda não consegue discriminar sua ortografia ela resolve pronunciar, e neste momento ocorre a dúvida, pois o som sussurrado é semelhante a um som surdo.

Os erros de escrita seguem a mesma lógica. Para Cagliari (2003) o aluno erra na forma ortográfica porque se baseia na forma fonética, os erros que comete revelam claramente os contextos possíveis. Ao observar os erros dos alunos pode-se fazer uma reflexão sobre o uso linguísticos da escrita e da fala, mas a escola não reconhece isso, e julga que o aluno é distraído, incapaz de discriminar, aprender, memorizar, se concentrar no que faz. Mas na verdade, ele se concentra e reflete mais do que se possa pensar.

Além disso, Ferreiro e Teberosky (1999) salientam que independentemente das divergências de métodos, primeiramente o aprendizado da leitura e escrita é um processo mecânico, adquire-se a técnica para depois decifrar o texto. Assim, enfatizam que o método mais eficaz é aquele que tenha a correspondência mais perfeita do som à escrita.

Pode-se dizer que a criança não acertou algumas figuras por não conseguir identificar o som da sílaba com a palavra, a letra H não há nenhum som, por isso ele não a identificou, mas sabe que seu professor se chama Hugo e começa com H, pois certamente ele já ouviu e incorporou essa ortografia.

Analisando as atividades da escola aparentemente a criança está a caminho do nível alfabético, em que, as relações entre o texto e a fala se fortalecem, primeiro em relação à escrita e depois em relação à leitura. Durante a escrita o sequenciamento das letras passam a ficar sob o controle dos sons da fala, do mesmo modo, na leitura, a seleção e o sequenciamento das sílabas e fonemas durante a pronúncia passam a ficar sob controle das sílabas e grafemas do texto. Com isso a criança aprende que a escrita alfabética representa os sons das palavras, os que ela usa para pensar e falar. Aprendendo as relações entre as letras e os sons, a criança começa a fazer a escrita por codificação fonográfica, ou seja, falando consigo mesma e convertendo os sons da fala nas suas letras correspondentes.

VI/ Considerações finais.

Sendo o sujeito de estudo uma criança de cinco anos de idade, não obtive nenhuma dificuldade, pois era uma criança tranquila, concentrada, esforçada, simpática, educada, com conhecimentos prévios para a realização da pesquisa, como visão espacial, distinção auditiva, lateralidade, conhecimento de cores e formas, e outros tipos de recursos básicos que precisávamos para concluir o trabalho. Propôs-se a fazer tudo que eu solicitava, e quando estava cansada perguntava se estava acabando.

A queixa era real para a mãe, que seu filho ainda não sabia o alfabeto em comparação com sua irmã que já sabia todo o alfabeto e escrever seu nome na mesma idade que ele. O trabalho com a criança não demandou recursos, o que foi difícil foi repassar à mãe a conclusão a que cheguei ao término das sessões, pois não imaginava como ela iria reagir, mas imagino que a reunião escolar que ela teve com a professora regente tenha lhe deixado mais tranquila, com a certeza de que seu filho não estava atrasado em seu desenvolvimento escolar.

Como já havia relatado todas as qualidades e competências da criança, expus para a mãe o nível que seu filho estava em relação ao processo de alfabetização, que ele sabia sim todo o alfabeto, e apenas algumas vezes ele confundia algumas letras, mas era devido à pronúncia que ele não conseguia distinguir o que estava ouvindo e escreve-las, mas que era normal nesse estágio. Foi enfatizado que suas produções são compatíveis com, e que qualquer diferença observada em relação à irmã indicava apenas que ele tinha um ritmo próprio, o que não implica em questões de desenvolvimento e que não haveria problema futuro para a concretização da alfabetização.

A realização do estágio representou um alerta importante para minha prática profissional por evidenciar que muitas vezes as queixas dos pais estão em relação a suas próprias expectativas, em querer que seu filho saiba de tudo muito antes do que outros. E isso pode se tornar um problema futuro para a criança, fazendo com que ele tente se superar cada vez mais para agradar aos pais ou ficar estática sem motivação para aprender. Ponderação, essa é a palavra que deve ditar a convivência entre todos do meio social, acreditar no potencial e esperar o ritmo de cada um.

VII/ Referências Bibliográficas.

Araújo, C. M. A & Oliveira, C. B. E. (2010). Relação família-escola: intersecções e desafios *Estudos de Psicologia*,(1)p. 99-108.

Bock, A. M. B., Furtado, O. & Teixeira, M. L. T. (1999). *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva.

Capovilla, A. G. S. e Capovilla, F. C. (2004). *Alfabetização: Método fônico*. São Paulo: Memnon.

Cagliari, L. C. (2003). *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Editora Scipione.

Carneiro, M. A. (2010). *LDB fácil: leitura crítico compreensivo, artigo a artigo*. Petrópolis: Vozes.

Ferreiro, E. & Teberosky, A. (1999). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed.

Lima, C. A. (2011). *Relação família-escola no processo de alfabetização e letramento das crianças*. Monografia. Universidade de Brasília: Brasília.

Oliveira, L. C. F. (2002). *Escola e família numa rede de des (encontros)*. São Paulo: Cabral.

Saviani, D. (2005). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados.

Serra, M. J. M. & Correa, J. (2005). Expectativa materna e o desempenho da criança na alfabetização. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15 (1), 32-45.

Simionato, M. A. W & Oliveira, R. G. (2003). Funções e transformações da família ao longo da história. *Anais I Encontro Paranaense de Psicopedagogia – ABPppr* – p. 57-66.

Soares, M. (2004) Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, p. 5-17.

Szymanski, H. (2001). *A relação família/escola desafios e perspectivas*. Brasília: Plano.

Tancredi, R. M. S. P., & Reali, A. M. M. R. (2010). Visões de professores sobre seus alunos: um estudo na área da educação infantil. *Revista Estudos de Psicologia (Campinas)*, p. 1-16.